

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

D'AZEVEDO (Adelino José da Silva). — *Este Nome: Brazil — estudo e ensaio sobre uma restituição etimológica*. Lisboa, 1967. Agência Geral do Ultramar. VIII + 474 p.; 22 estampas.

Um livro de pouco menos de 500 páginas que, segundo o próprio autor poderia, simplesmente, intitular-se: “Estudo e ensaio de uma restituição etimológica” e que demandou nada menos de vinte anos de pesquisas, como refere na “Advertência”.

Ao final, por aquela “restituição etimológica” o Professor Azevedo prova, à saciedade, que a “grafia correta e científica” do nome da Terra descoberta por Cabra é *Brazil*.

Convenhamos que a lição que ao cabo da leitura do livro se colhe não é, apenas, o que seria já bastante, a da correção dum nome que por aí anda errado e “estampado em selos ou notas de banco”; é também a do esforço que o autor à pesquisa dedicou, ao ir para lá, muito para lá, dos tempos em que os filólogos julgaram vêr a origem da palavra que sopunham derivar do “*Bras*” germânico, sem se lembrarem que ao tempo dos germanos já uma longa tradição cultural havia concluído o seu ciclo de gestação; ou dos que fundamentaram, mais por côres que por substância a origem tupi ou árabe do vocábulo em questão.

E é tanto mais de admirar êste esforço quanto mais sentimos, nos dias de hoje, que o recurso às generalidades e vulgaridades; “às soluções fáceis” ou aos “estudos pela rama” são lugares comuns a que autores, mesmo de certo prestígio e responsabilidade, não conseguem furtar-se, tantas vêzes.

Uma lacuna faltava preencher para que, desde as mais remotas referências, um têrmo e seu correspondente conceito pudesse achar-se e aclarar-se nas suas origens; às interpretações anteriores faltava o “visu histórico” a que uns tantos autores e tratadistas não souberam atender ou não souberam lobrigar.

Foi a preencher essa lacuna que o presente trabalho se desenvolveu.

Não bastou ao autor que os filólogos, concluindo pela semelhança de “*Brasil*” e “*Brasa*” (semelhança que o autor talvez discuta) fundamentassem o étimo no germânico a dar como forma um vocábulo que resultou errado na grafia.

Foi mais longe; muito mais longe.

Deu conta e trabalhou para prová-lo, que o vocábulo, a expressar um conceito, vem de tempos anteriores à História do Ocidente; que já tinha tradições na proto-história; que andou vulgarizado nas antiqüíssimas caravanas que mercadejavam e levavam os mercadores a tôdas as latitudes ecumênicas, quando os comerciantes do tempo buscavam numas partes os produtos que distribuíam nas outras, fôsse no Ocidente ou no Oriente europeu; nas margens do Mediterrâneo ou nas costas dos mares do Norte.

Aí e a êsses tempos proto-históricos estava a origem antecedendo de muitos séculos a pretensa “radice” germânica.

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

A prova é uma longa caminhada e que faria desistir os menos afeitos que não se atreveriam a remar pelos tempos afora em busca de um vocábulo, na sua origem.

Mas é aqui que se patenteia a fibra do autor; munido de uma bagagem de erudição que nos estarræce, empreendeu a marcha a passos firmes.

20 anos de pesquisas; de apurações; de verbetes; de confrontos; de buscas minuciosas e exaustivas foram necessários. Mas com a mesma segurança com que empreendera a caminhada nos traz os resultados de volta.

“*Brazil*” a designar “tom avermelhado”, “tinta vermelha” e “matéria prima” de que se extrai é o último estágio de um vocábulo que andou ininterruptamente da Grécia ao Atlântico e que teve sua raiz comum para *κίτταβαρ Cinnabar, Cinábrio, Zinhavre, Zinnober, Barcino, Bracino, Varzino, Verzino*, colimando em *Brazil* (pág. 183).

Desprezando as “soluções fáceis” que comportam todos os perigos — como o próprio autor refere no cap. 15 — recorre ao único meio que deveremos dizer método, para solucionar a questão; o próprio volume publicado, que resultou tamanho, é uma resultante da investigação e a prova de que as “facilidades” não o seduziram na busca dum nome para sua grafia correta.

Desde o *κίτταβαρ* grego houve que perscrutar tôdas as formas; derivações; divergências e afinidades em várias línguas e diversos dialetos.

E os fenômenos que correspondem a cada uma dessas derivações, divergências, ou alterações não são simplesmente citados, mas abundantemente exemplificados, desde as situações mais claras às mais sutis: matéria de estudo e meditação para os especialistas oferecida graças ao labor árduo e probo de um especialista.

Não o somos nós e nem estaríamos em condições de comentar em breve resenha, sequer a disposição coerente que o autor deu à matéria no substancioso discurso que nos deixou; nem o valor intrínseco de cada “premissa” no caminho para a conclusão, mesmo que freqüentemente lidemos com “inferências”.

Bem cuida o autor que nem é de fácil mutação um “êrro já calejado”, oriundo dum apressado escamoteamento do “Z” para inculcarmos a tatuagem do “S”, quando alguns autores arengaram uma fantasiosa justificativa numa interferência pseudo-científica (pág. 409).

Mas em Língua Portuguesa não há mais alternativa: *Brazil* deve grafar-se com “Z” como conclui o autor.

Essa grafia é sancionada pela História; justificada pela Ciência e reclamada pelo bom-senso, segundo as próprias palavras do Prof. Silva D’Azevedo (pág. 411).

Ao final o volume é valorizado com gravuras, muitas a concorrer para uma “geografia do nome”, salvo melhor expressão; há também uma bibliografia em ordem alfabética “por autores, fontes impressas, manuscritas ou cartográficas” e não se esqueceu o autor de um “índice onomástico, toponomástico e ideográfico”, além de um índice geral.

O volume pode ser pedido para: — *Agência Geral do Ultramar* — Lisboa.

JOSÉ A. V. VALENTE

*

*

*